No CQCS Inovação, Dyogo Oliveira apontou oportunidades nos investimentos das seguradoras e na reparação e reposição de bens após sinistros



A atuação das seguradoras na reparação e reposição de bens após sinistros pode estimular práticas de economia circular na cadeia automotiva. O potencial foi destacado pelo presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), Dyogo Oliveira, durante o CQCS Inovação, nesta quarta-feira, 4, em São Paulo. Ao citar R$ 35 bilhões em indenizações pelo seguro Automóvel, ele ressaltou a escala do setor para incentivar a utilização de materiais e serviços mais sustentáveis.

“É um espaço enorme para fazermos um trabalho de circularidade, de melhoria da reconstrução e reposição com materiais mais sustentáveis”, afirmou Dyogo.

O presidente da CNseg destacou que essa contribuição também passa pela destinação das reservas das seguradoras a investimentos em projetos que favoreçam a sustentabilidade. Nesse contexto, manifestou interesse na proposta de um consórcio global de circularidade para a América Latina, apresentada por Jing Liao, chairwoman da Solera Foundation e Chief Administrative Officer da Solera Corp.

A executiva ressaltou a importância de aproximar diferentes setores para desenvolver soluções diante das transformações tecnológicas e climáticas. “Precisamos de liderança e de mudar a forma como fazemos as coisas”, afirmou, ao defender a cooperação entre os participantes.

Na perspectiva tecnológica, Marcelo Picolo, diretor-executivo América Latina do Sul da Solera, destacou que a crescente complexidade dos veículos exige maior precisão dos dados utilizados nos processos de avaliação e reparação de sinistros. Segundo ele, a qualidade das informações também determina a qualidade das soluções de inteligência artificial aplicadas a essas atividades.

A articulação entre setores foi abordada por Alice Spencer, diretora-executiva do Instituto Cambridge para Sustentabilidade. Para ela, os desafios ambientais exigem uma visão integrada das relações entre clima, natureza, água, alimentação e energia, com mudanças que alcancem os modelos de negócio.

“Reimaginar o modelo de negócio, não mudar as coisas de forma incremental. Isso exige muita liderança”, destacou. Spencer apontou ainda o potencial do setor segurador para incentivar práticas mais sustentáveis na cadeia automotiva.

Paulo Rocca, vice-presidente de Inovação e Novos Negócios da Bosch América Latina, também destacou a economia limpa e circular como parte da atuação da companhia, relacionando a agenda ambiental às transformações da indústria automotiva. Ressaltou que os eventos climáticos extremos afetam operações e cadeias de fornecimento, com consequências que ultrapassam os locais atingidos.

Ao abordar as mudanças provocadas pela inteligência artificial, Rocca destacou a experiência brasileira na adaptação a cenários instáveis. “Vemos um momento delicado, mas com oportunidades para a América Latina”, afirmou.

Riscos e expansão da proteção

A necessidade de adaptação também esteve no centro da análise de Dyogo sobre o ambiente de negócios. O presidente da CNseg destacou que as transições tecnológica, demográfica e geopolítica modificam os riscos e as necessidades de proteção da sociedade. O envelhecimento da população, por exemplo, amplia os desafios relacionados à saúde, à previdência e à manutenção da renda.

Na frente climática, Dyogo chamou a atenção para a distância entre os prejuízos econômicos e a parcela coberta por seguros. Como exemplo, citou as enchentes de Porto Alegre e de outras cidades do Rio Grande do Sul, com perdas estimadas em até R$ 100 bilhões e participação do seguro de cerca de R$ 6 bilhões. “Isso mostra o desafio da indústria de seguros de levar proteção às diferentes camadas sociais”, disse.

Segundo ele, a maior frequência de catástrofes também exige aperfeiçoar os instrumentos de avaliação de riscos de uma atividade tradicionalmente apoiada em séries históricas. Nesse contexto, destacou a busca por modelos preditivos que incorporem outras variáveis e o uso crescente da inteligência artificial.

Apesar das incertezas, o presidente da CNseg apresentou a previsão de crescimento superior a 7% do setor segurador no ano, desconsiderando a previdência. Ressaltou, porém, que a expansão ocorre em um ambiente de juros elevados e endividamento das famílias. Também destacou a importância dos corretores para aproximar a proteção das necessidades da população.

A oportunidade de ampliar o acesso ao seguro esteve presente ainda na fala do superintendente da Superintendência de Seguros Privados (Susep), Alessandro Octaviani. Ao apresentar sua perspectiva sobre inovação, ele destacou os R$ 2,2 trilhões em provisões técnicas do mercado e contrapôs essa capacidade à lacuna de cobertura existente no país. “Podemos considerar a lacuna como um mercado a ser desenvolvido”, afirmou Octaviani. Para o superintendente, ampliar a cobertura dos riscos ainda desprotegidos é uma oportunidade de expansão do seguro no Brasil.

A necessidade de transformar esse potencial em novas soluções também esteve presente na abertura do evento. Ao relembrar a criação do CQCS, o fundador da empresa, Gustavo Doria Filho, convocou os participantes a contribuir para as mudanças no setor. “Vamos passar da evolução e vamos transformar o seguro?”, propôs.

Fonte: CNseg, em 04.11.2026